



TROVADORISMO

Literatura Portuguesa
Prof^a Flávia Andrade



1.

CONTEXTO HISTÓRICO

O que estava acontecendo antes e enquanto o Trovadorismo surgia?

SÉCULOS IMPORTANTES

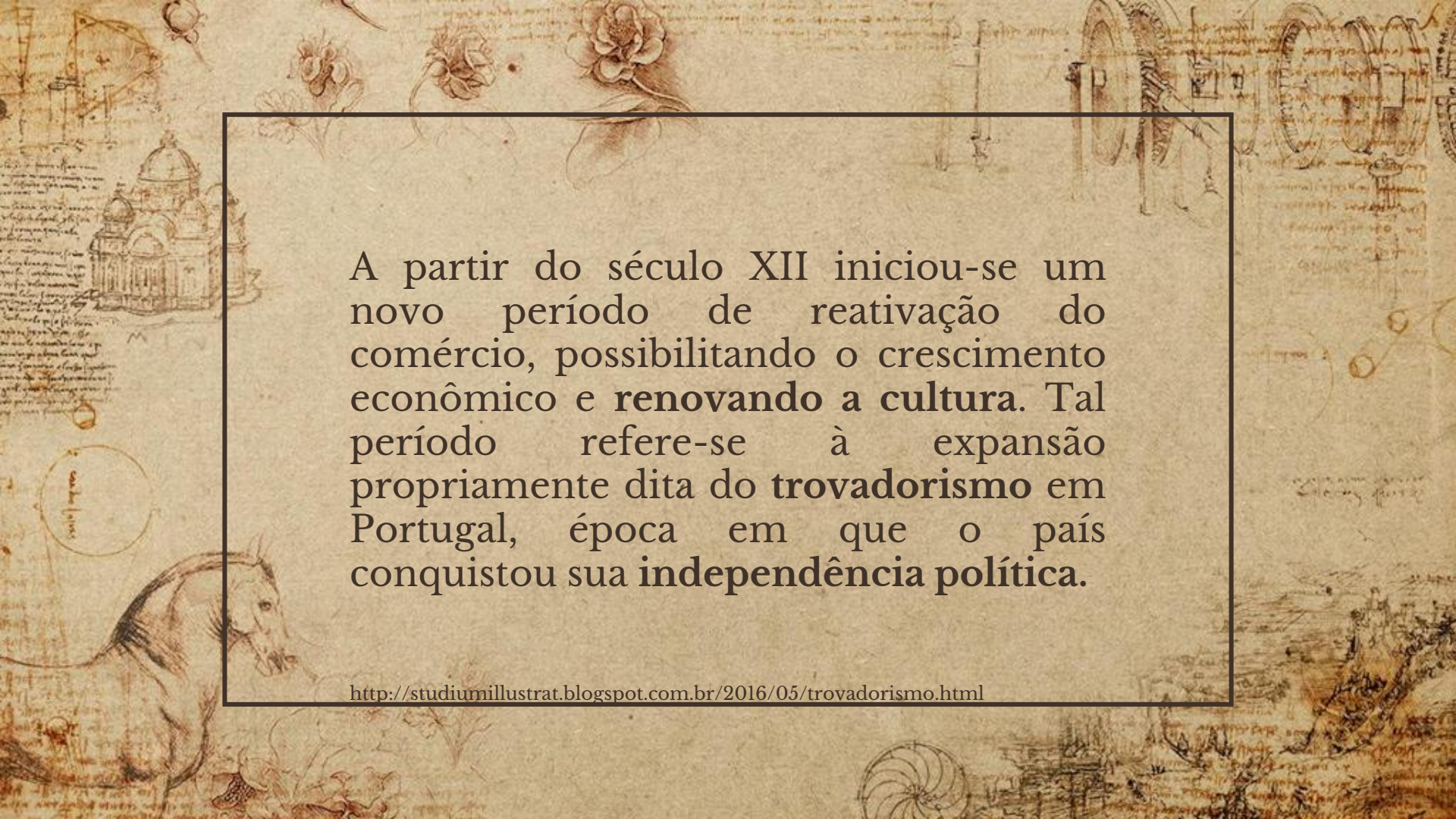
A horizontal timeline on a parchment background. A dashed line runs across the center. Four circular markers are placed on the line, each with a diamond-shaped arrow pointing down to a text label. The labels are: 1. 'Séc. IV Queda do Império Romano' (left), 2. 'Séc. V ao Séc. XI Alta Idade Média' (second from left), 3. 'Séc. XI Baixa Idade Média' (third from left), and 4. 'Séc. XII Independência política de Portugal' (right). A solid horizontal line is positioned above the third and fourth markers.

Séc. IV
Queda do
Império
Romano

Séc. V ao
Séc. XI
Alta Idade
Média

Séc. XI
Baixa Idade
Média

Séc. XII
Independência
política de
Portugal



A partir do século XII iniciou-se um novo período de reativação do comércio, possibilitando o crescimento econômico e renovando a cultura. Tal período refere-se à expansão propriamente dita do trovadorismo em Portugal, época em que o país conquistou sua independência política.

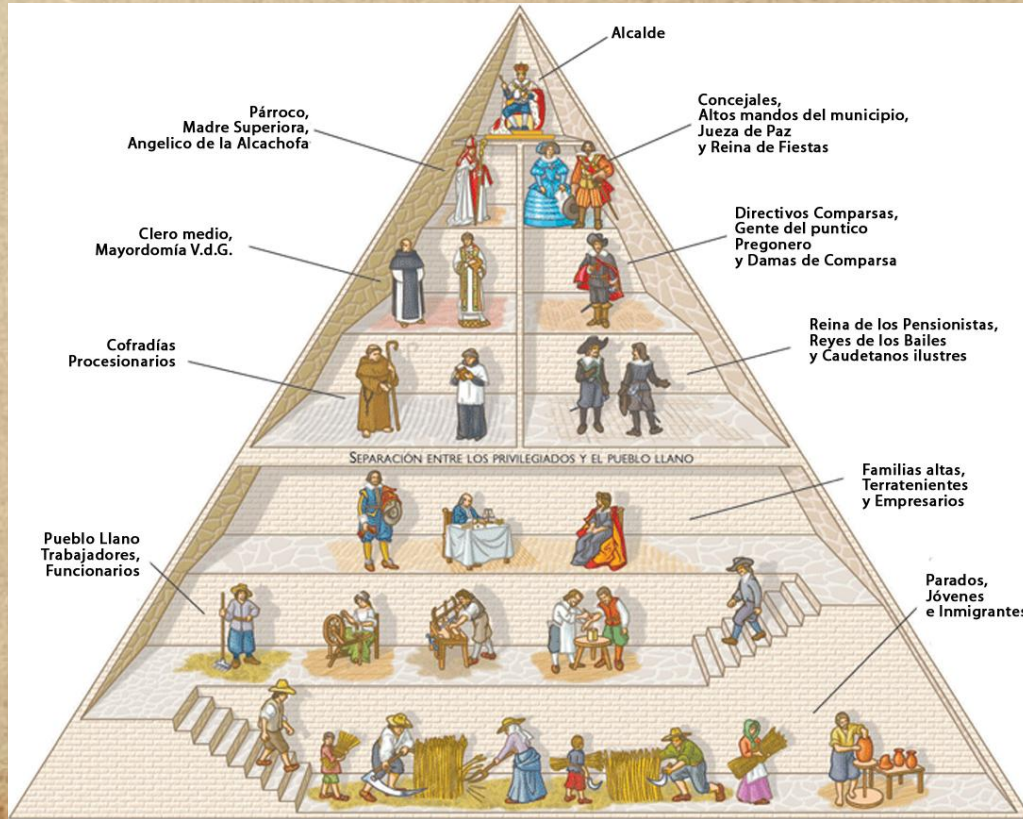
<http://studiumillustrat.blogspot.com.br/2016/05/trovadorismo.html>



RELAÇÕES HIERÁRQUICAS

*Dominava-se a hierarquia em
meio a tantas batalhas.*

PIRÂMIDE DA SOCIEDADE MEDIEVAL



NOBREZA

POVO

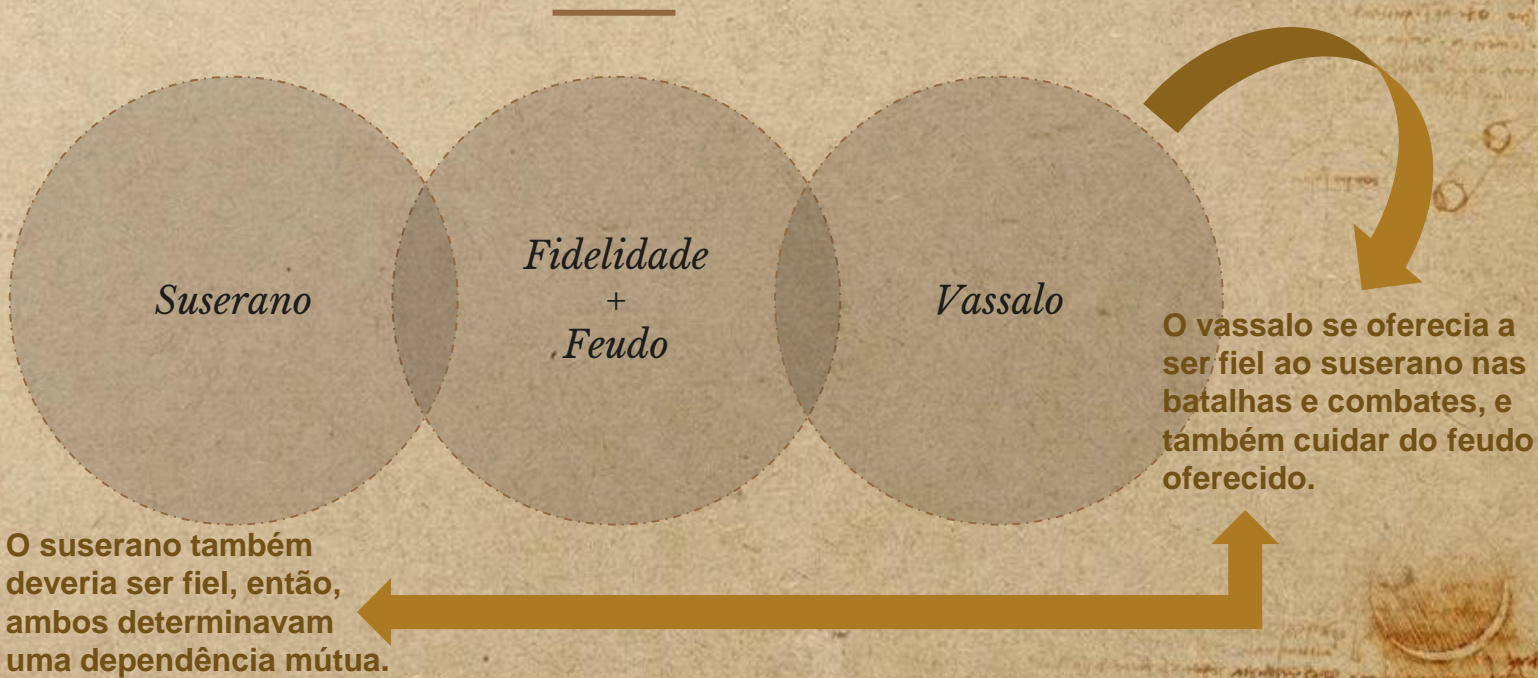
MAIS ALGUMAS CARACTERÍSTICAS:

- ❖ Predominava-se o teocentrismo: Deus era o centro do universo.
- ❖ Portanto, predominava-se a Igreja. Tudo o que se fazia partia de um ideal cristão.
- ❖ Duas relações foram de suma importância: o feudalismo e a vassalagem.

FEUDALISMO: RELAÇÃO ENTRE A NOBREZA E O POVO



VASSALAGEM: RELAÇÃO MÚTUA NA NOBREZA.





PRODUÇÃO LITERÁRIA

*Cantigas trovadorescas e
Novelas cavaleirescas*

Omnis amor de iugo
 se iures meu amigo. **E** ay

quis se iura celo.
Pondas de mar leuado.
 se iures meu amado.
E ay ay se iura celo.
Se iures meu amigo.
 o que que eu sofriro.
E ay ay se iura celo.
 e iures meu amado.
 que que eu sofriro.
E ay ay se iura celo.

Se iura celo conuigo ai uen meu
 amigo. **E** uen mado a iugo.
 omig eu mandado.
 e uen meu amado.
E uen mado a iugo.
Ca uen meu amigo.
 e uen san e iugo.
E uen mado a iugo.
Da uen meu amado.
 e uen un e iugo.
E uen mado a iugo.
Ca uen san e iugo.
 e del rei amigo.
E uen mado a iugo.

Ca uen unio fano.
 e del rei parnado.
E uen mado a iugo.

Mar salado **E** muremos las ondas.
 Ala ygracia de uigo u e o mar leuado.
E muremos las ondas.

A la ygracia de uigo u e o mar leuado.
 e uen y mia mado meu amado.
E muremos las ondas.

Ha ygracia de uigo u e o mar leuado.
 e uen y mia mado meu amado.
E muremos las ondas.

Ha ygracia de uigo u e o mar leuado.
 e uen y mia mado meu amado.
E muremos las ondas.

A la ygracia de uigo u e o mar leuado.
 e uen y mia mado meu amado.
E muremos las ondas.

A la ygracia de uigo u e o mar leuado.
 e uen y mia mado meu amado.
E muremos las ondas.

Ha ygracia de uigo u e o mar leuado.
 e uen y mia mado meu amado.
E muremos las ondas.

Omnis amor de iugo
 se iures meu amigo. **E** ay

quis se iura celo.
Pondas de mar leuado.
 se iures meu amado.
E ay ay se iura celo.
Se iures meu amigo.
 o que que eu sofriro.
E ay ay se iura celo.
 e iures meu amado.
 que que eu sofriro.
E ay ay se iura celo.

Se iura celo conuigo ai uen meu
 amigo. **E** uen mado a iugo.
 omig eu mandado.
 e uen meu amado.
E uen mado a iugo.
Ca uen meu amigo.
 e uen san e iugo.
E uen mado a iugo.
Da uen meu amado.
 e uen un e iugo.
E uen mado a iugo.
Ca uen san e iugo.
 e del rei amigo.
E uen mado a iugo.

A la ygracia de uigo u e o mar leuado.
 e uen y mia mado meu amado.
E muremos las ondas.

Ha ygracia de uigo u e o mar leuado.
 e uen y mia mado meu amado.
E muremos las ondas.

En iugo no sagrado.
 heo laia corpo delgado. amor ei.

Bon laia corpo delgado
 q' nunc e uen amado. amor ei.

Balana corpo neliu.
 q' nunc e uen amado. amor ei.

Que nunc e uen amado.
 e uen mado a iugo. amor ei.

Que nunc e uen amado.
 e uen mado a iugo. amor ei.

En iugo no sagrado.
 heo laia corpo delgado. amor ei.

Bon laia corpo delgado
 q' nunc e uen amado. amor ei.

Balana corpo neliu.
 q' nunc e uen amado. amor ei.

Que nunc e uen amado.
 e uen mado a iugo. amor ei.

Que nunc e uen amado.
 e uen mado a iugo. amor ei.

Pondas que eu un
 mado a iugo. **E** bantiar nos amos

Pondas que eu un
 mado a iugo. **E** bantiar nos amos

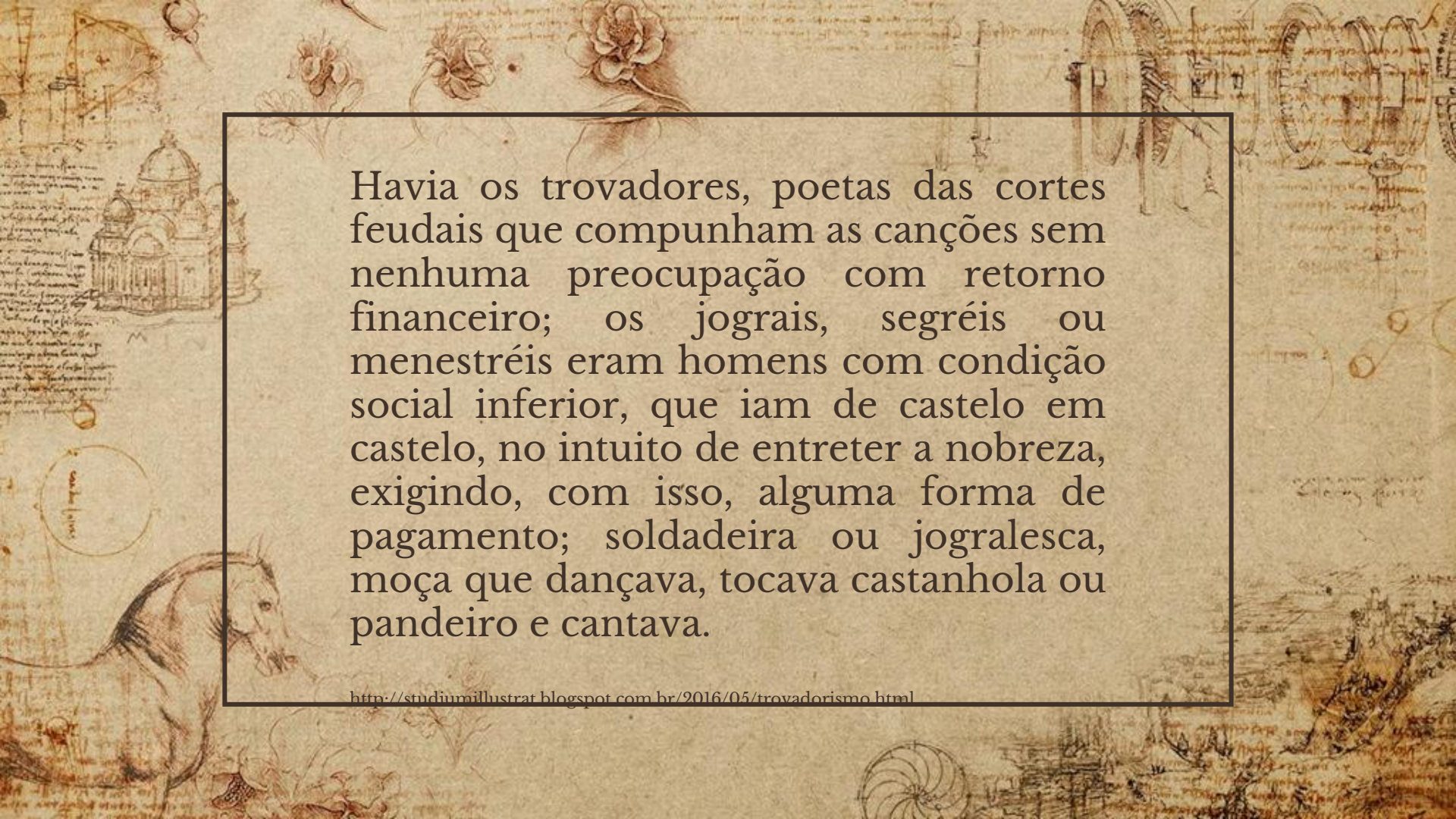
Pondas que eu un
 mado a iugo. **E** bantiar nos amos

Pondas que eu un
 mado a iugo. **E** bantiar nos amos



CANTIGAS TROVADORESICAS

Composições poéticas que eram cantadas (oralizadas) junto de instrumentos.



Havia os trovadores, poetas das cortes feudais que compunham as canções sem nenhuma preocupação com retorno financeiro; os jograis, segréis ou menestréis eram homens com condição social inferior, que iam de castelo em castelo, no intuito de entreter a nobreza, exigindo, com isso, alguma forma de pagamento; soldadeira ou jogralesca, moça que dançava, tocava castanholas ou pandeiro e cantava.

<http://studiumillustrat.blogspot.com.br/2016/05/trovadorismo.html>

CARACTERÍSTICAS DAS CANTIGAS



CANTIGAS:

LÍRICAS

DE AMOR

DE AMIGO

SATÍRICAS

DE ESCÁRNIO

DE MALDIZER

CANTIGAS DE AMOR

- ❖ Amor cortês (nobre);
- ❖ Eu lírico masculino;
- ❖ Coita de amor (sofrimento pelo amor não correspondido);
- ❖ Mulheres da nobreza idealizadas e inalcançáveis, são exaltadas suas qualidades físicas, morais e sociais; (“Mia senhor”)
- ❖ Vassalagem amorosa;
- ❖ Estrutura complexa: poucas repetições de versos.

Cantiga da Ribeirinha

*No mundo non me sei parelha,
entre me for como me vai,
Cá já moiro por vós, e - ai!
Mia senhor branca e vermelha.
Queredes que vos retraya
Quando vos eu vi em saya!
Mau dia me levantei,
Que vos enton non vi fea!
E, mia senhor, desdaqueldi, ai!
Me foi a mi mui mal,
E vós, filha de don Paai
Moniz, e bem vos semelha
Dhaver eu por vós guarvaia,
Pois eu, mia senhor, dalfaia
Nunca de vós houve nem hei
Valia dua correa.
Paio Soares de Taveirós*

Vocabulário:

Nom me sei parelha: não
conheço ninguém igual a mim.

Mentre: enquanto.

Ca: pois.

Branca e vermelha: a cor branca
da pele, contrastando com o
vermelho do rosto, rosada.

Retraya: descreva, pinte, retrate.
En saya: na intimidade; sem
manto.

Que: pois.

Des: desde.

Semelha: parece.

D'haver eu por vós: que eu vos
cubra.

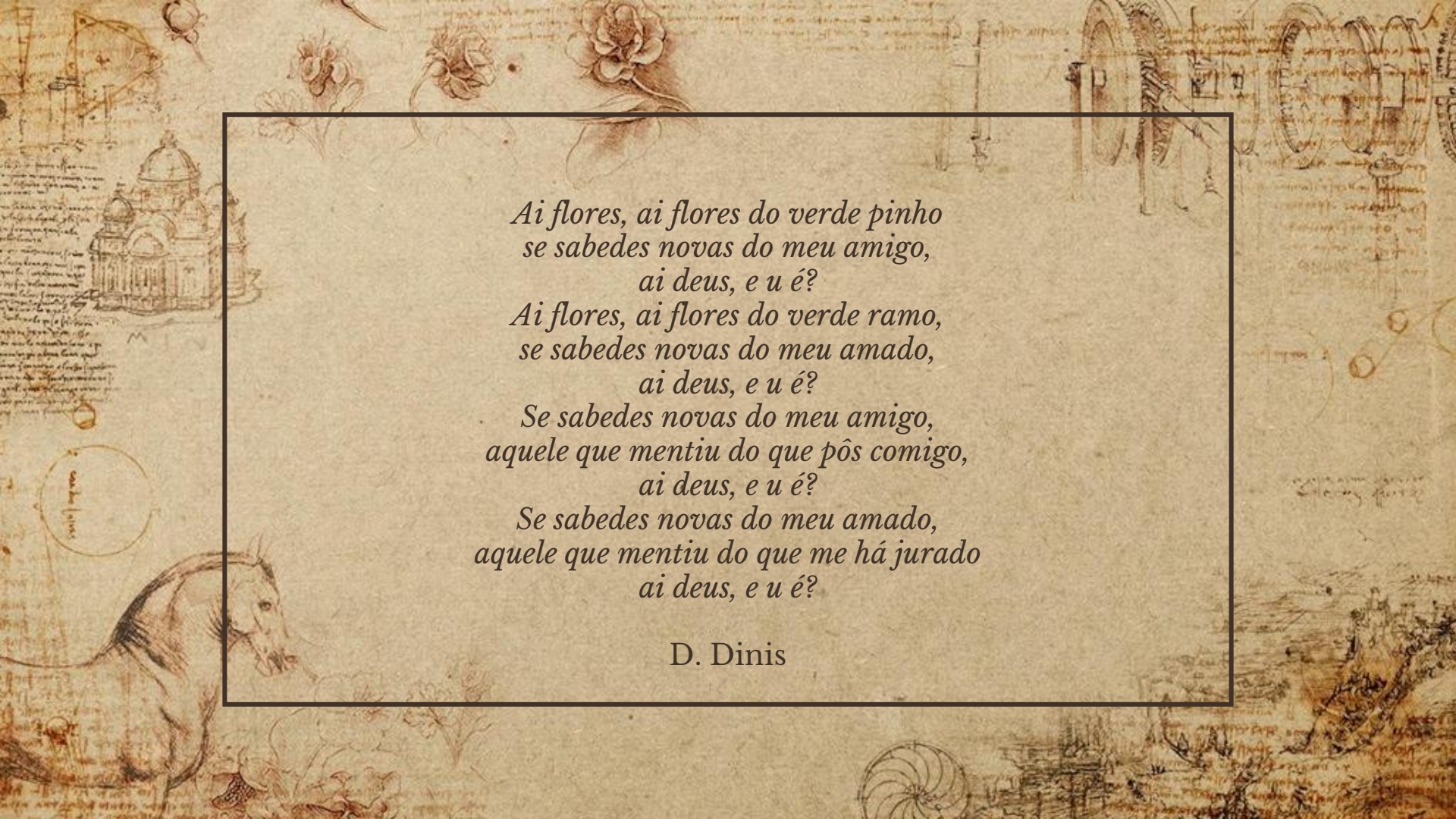
Guarvaya: manto vermelho que
geralmente é usado pela
nobreza.

Alfaya: presente.

Valia d'ua correa: objeto de
pequeno valor.

CANTIGAS DE AMIGO

- ❖ Eu lírico feminino;
- ❖ Saudade do amigo (namorado);
- ❖ Amor real e possível (condição social semelhante);
- ❖ Confidências ao amigo, à mãe ou a elementos da natureza personificados;
- ❖ Aparece em forma de diálogo;
- ❖ Estrutura simples: poucos versos + refrão.



*Ai flores, ai flores do verde pinho
se sabeis novas do meu amigo,
ai deus, e u é?*

*Ai flores, ai flores do verde ramo,
se sabeis novas do meu amado,
ai deus, e u é?*

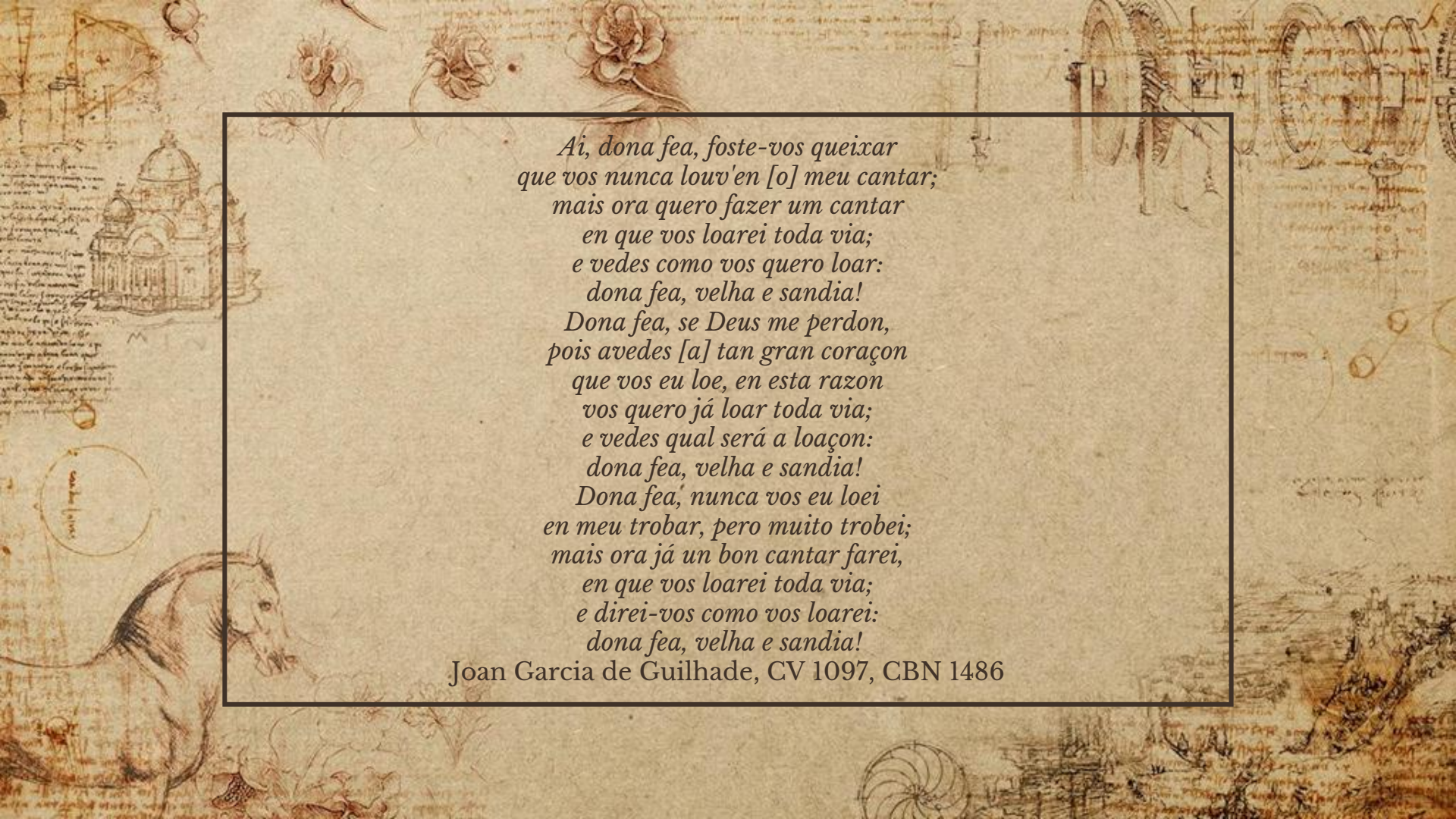
*Se sabeis novas do meu amigo,
aquele que mentiu do que pôs comigo,
ai deus, e u é?*

*Se sabeis novas do meu amado,
aquele que mentiu do que me há jurado
ai deus, e u é?*

D. Dinis

CANTIGAS DE ESCÁRNIO

- ❖ Sátira indireta;
- ❖ A pessoa a quem se dirige a ofensa não é nomeada
- ❖ Palavras e ofensas com duplo sentido, ambíguas e trocadilhos;
- ❖ Uso da ironia;
- ❖ Ridicularizam o comportamento dos nobres.

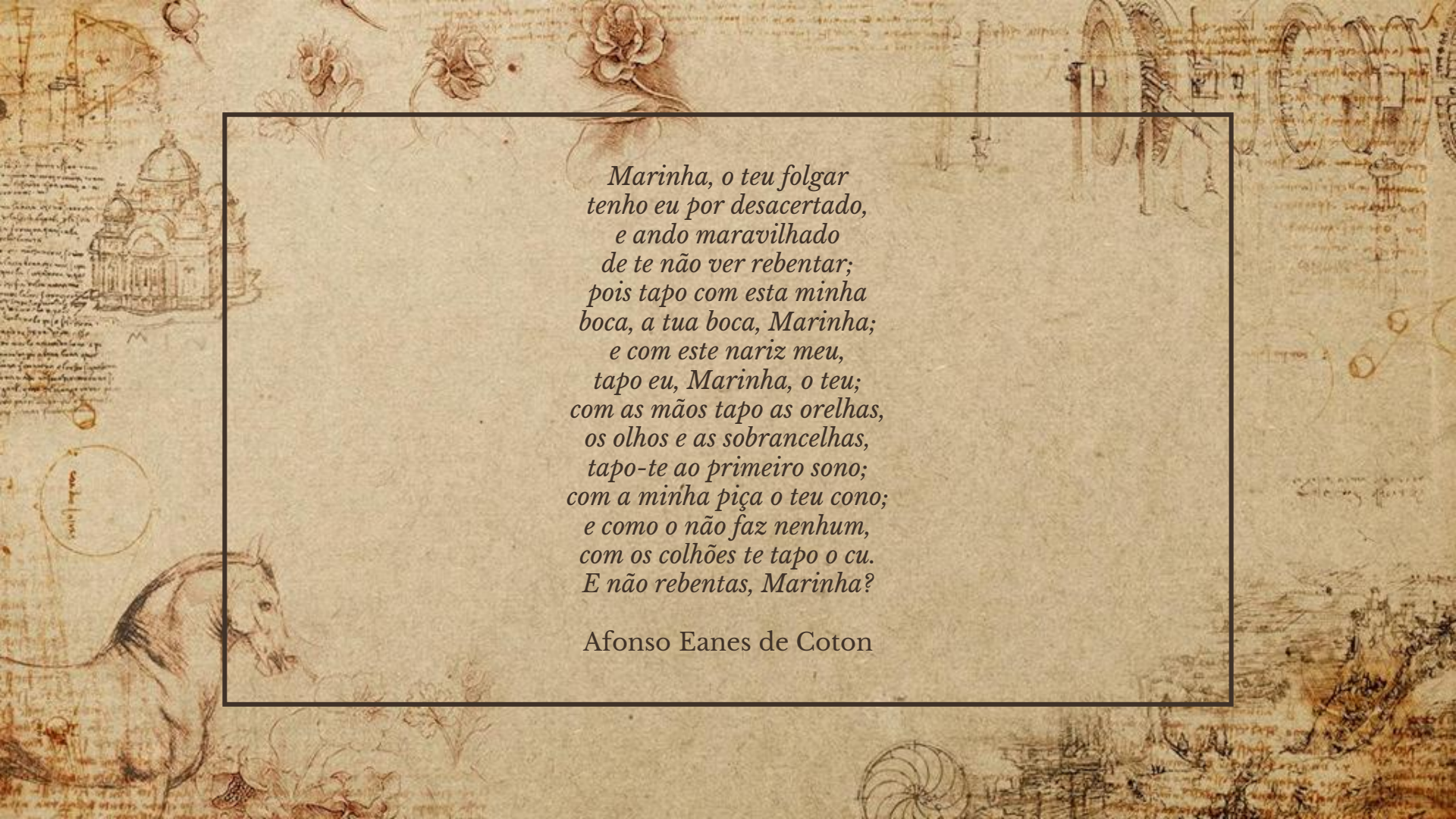


*Ai, dona fea, foste-vos queixar
que vos nunca louv'en [o] meu cantar;
mais ora quero fazer um cantar
en que vos loarei toda via;
e vedes como vos quero loar:
dona fea, velha e sandia!
Dona fea, se Deus me perdon,
pois avedes [a] tan gran coraçon
que vos eu loe, en esta razon
vos quero já loar toda via;
e vedes qual será a loaçon:
dona fea, velha e sandia!
Dona fea, nunca vos eu loei
en meu trobar, pero muito trobei;
mais ora já un bon cantar farei,
en que vos loarei toda via;
e direi-vos como vos loarei:
dona fea, velha e sandia!*

Joan Garcia de Guilhade, CV 1097, CBN 1486

CANTIGAS DE MALDIZER

- ❖ Sátira direta;
- ❖ A pessoa satirizada é identificada e nomeada;
- ❖ Linguagem ofensiva e de baixo calão;
- ❖ Falam de indiscrições amorosas de membros da nobreza e do clero.



*Marinha, o teu folgar
tenho eu por desacertado,
e ando maravilhado
de te não ver rebentar;
pois tapo com esta minha
boca, a tua boca, Marinha;
e com este nariz meu,
tapo eu, Marinha, o teu;
com as mãos tapo as orelhas,
os olhos e as sobancelhas,
tapo-te ao primeiro sono;
com a minha piça o teu cono;
e como o não faz nenhum,
com os colhões te tapo o cu.
E não reventas, Marinha?*

Afonso Eanes de Coton

NOVELAS CAVALEIRESCAS

- ❖ Tradição oral.
- ❖ Narradas em capítulos.
- ❖ Relatavam, em sua maioria, grandes aventuras e atos de coragem dos cavaleiros medievais.
- ❖ Aventuras sem fim com várias possibilidades de continuação (sequências).
- ❖ Amor idealizado do cavaleiro pela dama que amava (amor cortês). Este amor, quase sempre, era impossível.
- ❖ Término trágico, sem o final feliz.
- ❖ Provação da honra, lealdade e coragem do cavaleiro em várias situações como, por exemplo, batalhas, aventuras, torneios e lutas contra monstros imaginários.
- ❖ Alguns temas ligados às batalhas entre cristãos e muçulmanos durante as Cruzadas Medievais.
- ❖ Referências a períodos históricos e míticos do passado.
- ❖ Uso de locais geográficos irreais (falsos) imaginários como, por exemplos, terras fantásticas e míticas.
- ❖ Apresentação de códigos de conduta próprios dos cavaleiros medievais.